

Quanto à integração

Solange Maria da Rocha*

Aurélio nos ensina: *integrar é tornar inteiro; completar. O Lello Universal diz: integração, ato de integrar. Integração mental, formação da consciência contínua, que constitui a personalidade, a mentalidade d'um ser definido.*

Sabemos que a Educação Especial tem, como objetivo terminal, a integração do indivíduo portador de alguma deficiência que dificulte a realização de sua socialização. O caminho para essa integração é, na maioria das vezes, obscuro, confuso e entregue a posicionamentos individuais cujos princípios nem sempre se harmonizam com a realidade objetiva.

Fala-se muito em integrar o deficiente na rede comum de ensino, minimizando o papel das escolas especiais que, segundo esta corrente de pensamento, são ambientes isolacionistas que fomentam a discriminação e dificultam a integração. É, sem dúvida, um tema apaixonante.

Parece-me que o caminho a seguir, para elucidar algumas questões referentes a esta discussão, é o de identificar o que de real a escola especial tem a oferecer a este indivíduo; da mesma forma, a escola comum.

Sabemos que a educação está em crise. O papel da escola no terceiro mundo confunde-se com o papel do Estado. Vítimas de uma realidade de miséria, as populações dos grandes bolsões de pobreza têm na escola uma espécie de superação imediata de suas necessidades mais básicas. As crianças alimentam-se e seus pais contam com uma infra-estrutura assistencialista que não resolve sua condição histórica mas funciona como drible da mesma. Naturalmente que a formação intelectual dilui-se na subversão do papel da escola. O índice de analfabetismo é surpreendentemente alto e indiferente a qualquer política de extinção do mesmo. Em relação ao desempenho de quem conseguiu ficar na escola, o índice de repetência é enorme, formando, portanto, um círculo vicioso que restaura implacavelmente a miséria. Este contingente não tem qualificação profissional, vendendo sua força de trabalho em atividades sub-remuneradas. A rigor, as contradições in-

rentes à escola comum estão intimamente ligadas à realidade sócio-política-econômica do país.

Como pensarmos então em lançar nessa escola indivíduos que, portadores de alguma deficiência, necessitam de ensino especializado, métodos específicos, equipe multidisciplinar e assistência psicológica aos familiares. Além do aspecto mesológico, há o aspecto interacional. Como será essa reação? Sabemos que não há respostas para essas questões; a imprevisibilidade do ser humano rompe qualquer barreira do conhecimento. Devemos então esperar que o indivíduo portador de necessidades especiais tenha um supergo para, desde a mais tenra idade, conviver com o diferente, superar suas dificuldades, romper os preconceitos, impor-se como indivíduo, ter desempenho pedagógico satisfatório e que suas questões não estejam necessariamente associadas a sua deficiência e sim a sua humanidade. Sabemos que alguns conseguem. Contam com a família; a escola os absorve satisfatoriamente mas, são minorias e a excessão só faz confirmar a regra: a maioria não consegue. Portanto, temos uma responsabilidade ética, com esse indivíduo, com essa célula social.

A ciência, nossa grande aliada, vem contribuindo para todos os ramos do conhecimento no sentido de facilitar-nos a vida. Por que negar-lhes esse direito? Por que não cumprirmos com o nosso dever? Nossa responsabilidade é total. Falta planejamento nas áreas de saúde e educação, diagnóstico tardio, ausência de intervenção pedagógica especializada. Tudo leva ao isolamento e seu desempenho social é prejudicado.

Precisamos reverter esse quadro de terceiro mundo, onde, segundo dados da UNESCO, os gastos públicos com a educação, comparados com o PIB, mostram que nações que vivem em estado tribal ou em guerra civil colocam-se a nossa frente em termos de investimentos: ZIMBABWE 7,9%, TUNÍSIA 5,9%, ETIÓPIA 4,3% e por último o BRASIL 3,9%.

A escola especial não é um fim em si; ela é um meio de normalização da vida e superação das dificuldades. Para grande maioria, seu papel é insubstituível. A integração é meta de qualquer trabalho mas sabemos que o resultado nem sempre é satisfatório, legitimando a existência de escolas especiais para indivíduos especiais.

*Solange Rocha é historiadora e pedagoga especializada em deficiência auditiva.

ESTIMATIVA DE HUM MILHÃO E NOVECENTOS MIL DEFICIENTES AUDITIVOS NO BRASIL (SEPLAN)

